

Redes e relações entre as subáreas da pesquisa em música no Brasil a partir da produção bibliográfica do Congresso da ANPPOM

Renato Pereira Torres Borges¹
UNIRIO/PPGM – Doutorado
SIMPOM: *Musicologia*
renatoptborges@gmail.com

Resumo: Esta comunicação discute a organização em redes da pesquisa em música no Brasil (PMB), abrangendo duas questões: um método de reconhecimento de redes de pesquisa a partir de dados empíricos e a alta frequência de interfaces entre subáreas na PMB. O método enfoca publicações de um *corpus* selecionado, empregando textos como nós e palavras-chaves como arestas da rede a ser gerada, e prioriza a visualização de temas e metodologias. Para exemplificá-lo, analisa-se 914 textos dos Congressos da ANPPOM entre 2013 e 2015. A principal rede gerada reuniu 748 (81,8%) textos e reconheceu com sucesso as subáreas, por meio das metodologias e assuntos representados nas palavras-chave das publicações. Esse reconhecimento permitiu, primeiramente, compreender a pesquisa musicológica como um espaço fluído entre subáreas, ao invés de um conjunto de domínios desconectados, confirmando um dos modelos teorizados em trabalho anterior. Seções da rede ligam muitas subáreas diferentes, sugerindo a constituição de núcleos de estudos que não se compatibilizam com a divisão corrente do campo de pesquisa. A conotação de domínios com temas e metodologias exclusivas é contestada pela própria bibliografia apresentada pelos pesquisadores, que encontram, com suas investigações, sobreposições das atuais subáreas. O reconhecimento também permitiu observar interfaces, proximidades e distâncias, além de fissuras de subáreas, desfazendo impressões geradas por discursos de incomensurabilidade entre certos domínios da PMB. As tradicionais divisões da PMB já não se adequam perfeitamente aos temas e metodologias, que frequentemente se agrupam de novas maneiras. Comenta-se a influência de identidades geradas por convenções do meio musical brasileiro sobre a segmentação de temas e metodologias. Conclui-se que a teoria que emana das subáreas da pesquisa em música no Brasil empregada na ANPPOM hoje não dá conta do campo de pesquisa de fato. Pretende-se que as considerações desta comunicação façam parte da constante renovação teórica do campo frente às suas práticas de pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa em música no Brasil; Redes de pesquisa; Teoria musicológica; Musicologia; Tendências de pesquisa em música.

Networks and correlation between fields of research in music in Brazil, analyzing the proceedings of the *Congresso da ANPPOM*

Abstract: This paper discusses the network organization of the research in music in Brazil (in Portuguese: *pesquisa em música no Brasil*, PMB), on two questions: a method to recognize research networks from empirical data and the high frequency of interfaces between PMB

¹ Agência de fomento: CAPES. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Martha Tupinambá de Ulhôa

fields. The method focuses on publications of a given corpus, applying texts as nodes and keywords as nodes of the generated networking, and prioritizes the visualization of themes and methodologies. To exemplify it, 914 publications from the Congressos da ANPPOM between 2013 and 2015 are analyzed. The main generated network connected 748 (81.8%) texts and successfully recognized the research fields, from the methodologies and objects represented in the keywords of the publications. This recognition showed the musicological research as a fluid space between fields, instead of a group of disconnected walled domains, confirming one of the models theorized in a prior work. Sections of the network connect many different fields, suggesting the constitution of studies groups that are incompatible with the current division of the research field. The understanding of domains with exclusive themes and methodologies is contested by the very bibliography presented by the researchers, which find, with their investigations, the overlap of the current fields. The recognition also showed interfaces, proximities and distances, and fractures of fields, deconstructing impressions created by speeches of incommensurability between certain PMB domains. The traditional divisions of the PMB do not perfectly suit the themes and methodologies, which are frequently found grouped in the new ways. The paper also discusses the influence of identities created by conventions of the Brazilian academic field in music over the segmentation of themes and methodologies. The conclusion of this investigation is that the current theory on PMB research fields, used by ANPPOM, fail to account for the actual research field. The considerations of this paper are intended to join the permanent theoretical renovation of the field in light of its research practices.

Keywords: Research in music in Brazil; Research networks; Musicological theory; Musicology; Trends in research in music.

1. Introdução

Esta comunicação, recorte de pesquisa de doutorado em andamento, discute formas com que a bibliografia gerada no campo da pesquisa em música no Brasil (PMB) se organiza em redes. Aqui, entende-se PMB sobretudo como a pesquisa acadêmica publicitada em meios textuais, com ou sem notação musical, que tenha a música como um de seus temas principais – em outras palavras, trata-se da pesquisa em educação musical e nas diversas linhas musicológicas (musicologia da performance, musicologia histórica, etnomusicologia, musicologia sistemática/teoria/análise musical, etc.). Tomando os termos de Moreira (2017, p. i), trata-se de “produção intelectual que se expressa textualmente”. O recorte aqui discutido aprofunda questões tratadas em duas comunicações anteriores (BORGES, 2016, 2017) – nomeadamente, um método que permita reconhecer redes de pesquisa a partir de dados empíricos, e a alta frequência de interfaces das e entre as subáreas na PMB.

Métodos de visualização das redes de assuntos e metodologias complementam abordagens qualitativas, oferecendo um ponto de vista de larga escala que contextualiza análises específicas. Pela dimensão do esforço necessário, abordagens qualitativas frequentemente se dedicam a *corpora* mais restritos. Assim, não há pretensão de que o

método aqui proposto seja conclusivo em seus resultados, mas sim que ele possa oferecer questões a serem analisadas mais profundamente, de acordo com a viabilidade de estudos específicos.

Além disso, visualizações são ferramentas úteis para fornecer panoramas de campos de pesquisa, publicações ou eventos, possibilitando percepções e discussões tanto por pesquisadores experientes quanto por pesquisadores iniciantes. Cabe ainda ressaltar sua relevância na identificação de perfis de campos de pesquisa, publicações ou eventos específicos, foco da terceira seção desta comunicação.

Os panoramas resultantes da aplicação do método servem como material de discussão da estruturação da PMB. Nos discursos mais frequentes na academia, manifesta-se uma proposta de hierarquia vertical para o campo: divide-se a PMB em quatro áreas maiores, com uma delas se dividindo ainda mais uma vez. Nomeadamente, divide-se o campo em composição, educação musical, performance e musicologia. Essa última pode ser fragmentada mais uma vez, quando se trata de programa de pós-graduação (PPG), evento ou associação de grande porte, ganhando nomes como musicologia histórica, análise musical/teoria musical/linguagem e estruturação musical, etnomusicologia, sonologia, etc.

Essa estruturação remonta à proposta por Adler (1885, p. 16-17) e se reflete nas linhas de pesquisa dos PPG brasileiros de música, além de sintetizar a história da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), que, em seu primeiro evento em 1989, se subdividia nas quatro subáreas mencionadas e, em 2013, em nove (TOMÁS, 2015, p. 11-20). As diversas associações brasileiras específicas seguem a mesma orientação teórica, manifesta nas entidades ABET (etnomusicologia), ABRAPEM (performance), ABEM (educação musical), ABMUS (musicologia) e TeMA (teoria e análise).

2. Método de reconhecimento das redes de pesquisa

O método de visualização das redes de pesquisa descrito anteriormente (BORGES, 2016) se centrava nas palavras-chave de publicações. Inicialmente, as palavras-chaves usadas em determinado publicação ou grupo de publicações são reunidas. Quando empregados em um mesmo texto, os termos são conectados por uma linha (*aresta*). Assim, na visualização, as palavras-chaves são os *nós* da rede, enquanto as publicações se tornam *arestas* (Figura 1).

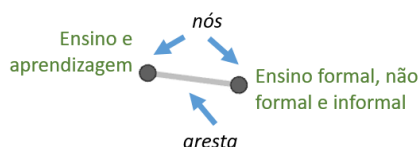


Figura 1. Nós e arestas em método anterior.

Caso mais de um texto utilize a mesma palavra-chave, os dois textos se conectam por meio de um nó compartilhado. Assim, a conexão dos termos em determinado corpus forma uma rede de temas e metodologias, que descreve o campo de pesquisa observado. Como exemplo para demonstração do método (BORGES, 2016), foram observadas as redes formadas pelos textos presentes no III Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música (ULHÔA, 2014).

Aqui, propõe-se a inversão desses dois papéis, empregando os textos como nós e as palavras-chaves como arestas da rede (Figura 2). Diferentemente do método anterior, nesta proposta, os nós não se repetem no corpus, já que cada texto é único. Assim, é possível classificá-los com cores de acordo com um parâmetro desejado e apropriado ao tipo de análise a ser desenvolvido: ano de publicação, número de autores, área de conhecimento, instituição que hospeda a pesquisa, etc.



Figura 2. Nós e arestas propostos neste método.

Priorizando a visualização dos temas e metodologias das subáreas, as redes formadas entre publicações e suas palavras-chave se diferem de métodos mais frequentemente usados, que buscam conhecer melhor o impacto de autores sobre um determinado campo de pesquisa. Comuns entre esses outros meios são as redes de citação e redes de colaboração (coautoria), como exemplificado em análise de áreas diversas por Balancieri (2004), Bastos *et al.* (2016) e Conner *et al.* (2017).

Para a aplicação do método, foram escolhidas as comunicações, pôsteres e painéis apresentadas nos Anais do Congressos da ANPPOM entre 2013 e 2015, resultando num total de 914 publicações (Tabela 1). Os metadados dos textos foram listados: título, autores, palavras-chave, tipo (comunicação, pôsteres e painéis), ano de publicação e subárea a que foram submetidos. Não houve nenhuma alteração dos dados fornecidos, exceto a normalização do uso de maiúsculas e minúsculas (por exemplo, de “Educação Musical” para

“Educação musical”). As subáreas que compõem o grupo *Música e Interfaces* foram agrupadas em *MI*.

Subáreas	Publicações analisadas	Relação ao total
Eixo 1 (2014)	11	1,2%
Eixo 2 (2014)	8	0,9%
Eixo 3 (2014)	1	0,1%
Eixo 1 (2015)	5	0,5
Eixo 2 (2015)	2	0,2
Eixo 3 (2015)	4	0,4
Composição	70	7,7%
Educação musical	169	18,5%
Etnomusicologia	72	7,9%
MI	70	7,7%
Música Popular	97	10,6%
Musicologia e Estética Musical	138	15,1%
Performance	151	16,5%
Sonologia	40	4,4%
Teoria e Análise Musical	76	8,3%
Total	914	100%

Tabela 1. Número de trabalhos analisados, categorizados por subárea.

Foram reunidas 3542 palavras-chave, das quais 2280 (64,4%) apareceram apenas uma vez. As 1262 palavras-chave restantes, presentes em mais de um texto, foram responsáveis pela geração de 8652 arestas entre as publicações. A visualização gráfica foi gerada com o software *Gephi*, com método de *force layout* (Figura 3). Apenas após o posicionamento automático da rede, os nós foram coloridos de acordo com a subárea original de cada texto.

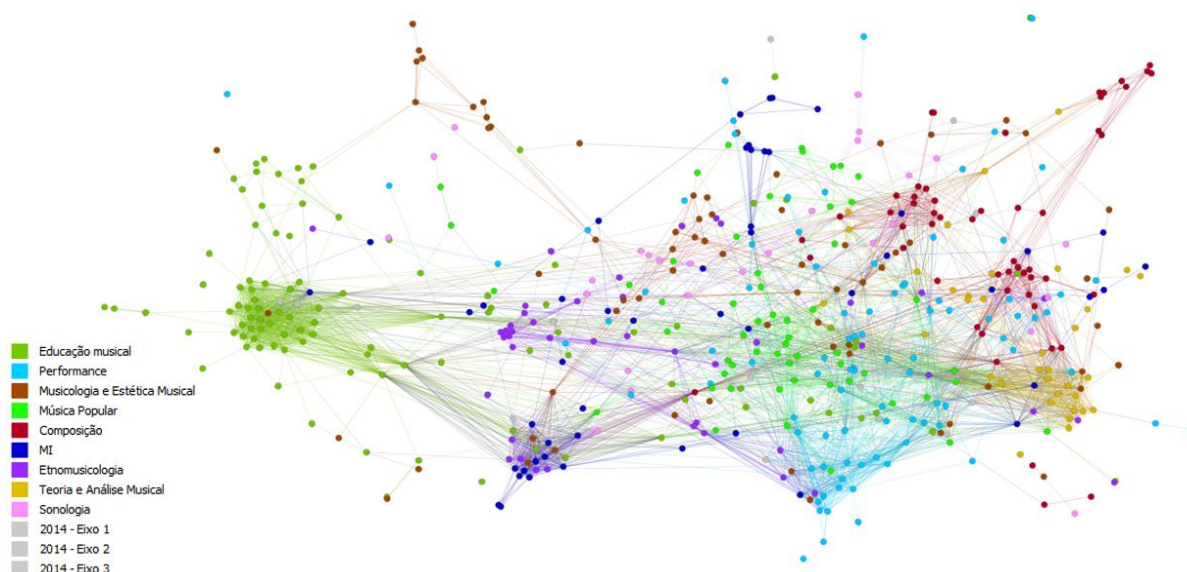


Figura 3. Principal rede gerada a partir da produção bibliográfica dos Congressos da ANPPOM entre 2013 e 2015.

A principal rede gerada por esse método reuniu 748 (81,8%) textos analisados, enquanto as outras 166 publicações geraram pequenas redes de duas ou três publicações, ou nem mesmo se conectaram a nenhuma outra. Essa porcentagem é significativamente maior do que a encontrada nas redes geradas com o método anterior (47%). Deve-se considerar, no entanto, que as redes tendem a ser maiores quando se analisa mais textos, devido à maior chance de recorrência de termos.

Já que é possível filtrar gradativamente os nós menos conectados da visualização, redes mais consolidadas também podem ser visualizadas com maior clareza, o que pode ser feito ocultando os nós com menor grau, ou seja, menos conectados (Figura 4). A filtragem pode ainda focar subáreas específicas, ocultando temporariamente outras. Essa ferramenta é útil quando se deseja, por exemplo, analisar o mesmo recorte, mas sem as subáreas de *Educação Musical* e *MI* (Figura 5).

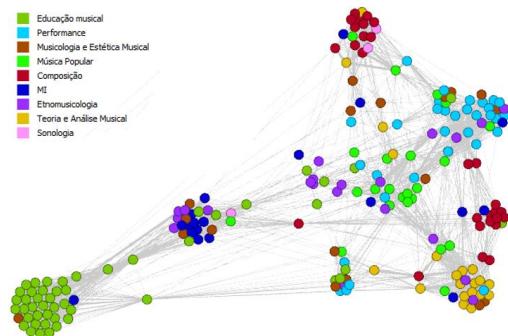


Figura 4. Filtragem de nós com grau maior que 15.

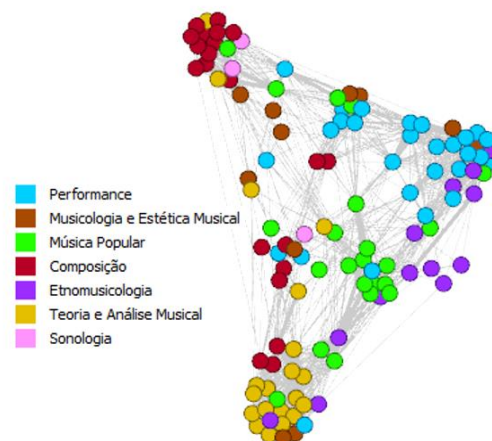


Figura 5. Rede sem nós pouco conectados e subáreas de Educação Musical e MI.

O maior ganho desse método, em relação ao anterior, está na capacidade de reconhecer muito claramente as subáreas dos Congressos a partir das palavras-chave utilizadas pelos autores. Nota-se com distinção a segmentação das publicações a partir da utilização de vocabulário específico de cada subárea. É importante ressaltar mais uma vez que as ligações e distâncias entre os nós se deu apenas pelas ligações terminológicas apresentadas pelos autores. Em outras palavras, as subáreas se distinguem também por seus vocabulários.

Análises visuais do grafos são fiéis aos dados quantitativos. Ou seja, por meio da imagem, é possível identificar características da rede, que podem ser confirmadas pelos números coletados. A primeira característica a ressaltar é a distribuição da rede, em concentrações e dispersões de nós e arestas. Nesse sentido, cabe notar a presença de extremos na rede, que apontam expansões do campo em diferentes direções em uma espécie de forças centrífugas (Figura 6). O segundo tópico a destacar é a presença de concentrações num nível mais amplo, que nesse caso se distinguem em três conjuntos, com os dados analisados (Figura 7).

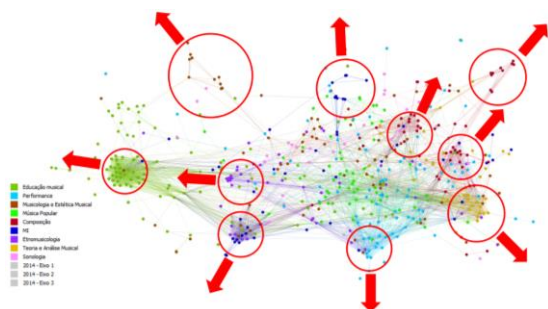


Figura 6. Extremos na rede gerada – forças centrífugas.

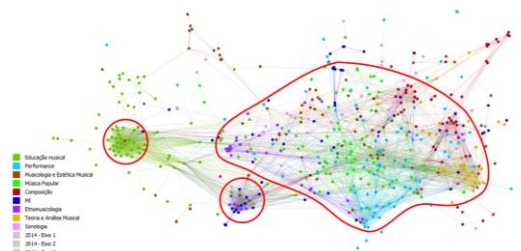


Figura 7. Concentrações em níveis maiores.

3. Discussão sobre as subáreas da ANPPOM

Essa análise confirma um dos modelos teorizados em trabalho anterior (BORGES, 2017), para analisar a PMB. O modelo propõe que subáreas e linhas de pesquisa sejam encaradas como extremos de um campo de investigação e que a maior parte das pesquisas se localiza entre esses extremos. Analisando a rede estabelecida pela produção bibliográfica da ANPPOM de 2013 a 2015, percebe-se uma intensa dispersão das pesquisas em espaços intersubáreas. Cada subárea se apresentou em pequenos polos concentrados e em significativas dispersões em direção às outras.

Apenas três subáreas da ANPPOM se apresentaram de forma diferente. Duas delas, *Educação Musical* e *Música e Interfaces*, exibiram concentrações bastante distintas do resto da rede. A maior parte desses dois campos de pesquisa é facilmente identificável pela baixa conectividade com o restante da rede exibida (Figura 7).

A rede também reforça uma impressão prévia do autor sobre um descolamento da subárea de *Educação Musical* em relação à pesquisa musicológica como um todo. Nota-se que, quando trata de ensino básico, a subárea se apresenta como uma rede resiliente, com muitas conexões internas, porém extremamente desconectada da pesquisa musicológica. Os principais diálogos estabelecidos são com a genérica subárea *Música e Interfaces*. Mesmo questões educacionais como ensino específico de instrumento ou ensino superior de música não se integram à rede concentrada de *Educação Musical*, se separando e formando um pequeno grupo com poucas conexões (Figura 5, acima do principal núcleo de *Educação Musical*). Salta ainda mais aos olhos a desconexão de *Educação Musical* com as subáreas de *Performance*, *Composição* e *Teoria e Análise Musical*.

O grupo *MI* se separa em cinco partes na ANPPOM: *Cognição*, *Dramaturgia e Audiovisual*, *Mídia*, *Musicoterapia* e *Semiótica*. Observando detalhadamente a distribuição dos trabalhos na rede, percebe-se que a principal rede de *MI* se forma a partir de publicações que relacionam a música à área de saúde. Uma pequena parte da produção da subárea, sobre trilha sonora e/ou criatividade, se aglomera próximos a publicações de *Performance* e, principalmente, *Composição*.

Por sua vez, a subárea de *Composição* se caracteriza por uma peculiaridade não percebida nas outras: ela se divide em três grupos de tamanhos semelhantes, muito bem definidos visualmente. O primeiro grupo se configura como um núcleo interdisciplinar a respeito de questões poiéticas, fazendo interfaces com trabalhos de *MI* e, sobretudo, de *Performance*. O segundo grupo se posiciona rumo a *Teoria e Análise Musical*, não à toa: tratam-se principalmente de publicações que propõem análises de peças musicais, como

característico da outra subárea. O terceiro e último grupo é o mais centrífugo e se constitui majoritariamente de publicações relacionadas a estratégias pré-compositivas.

Performance apresenta grande diversidade de interações com outros campos, sobretudo com *Teoria e Análise Musical*, *Música Popular*, *Composição* e *Etnomusicologia*. A subárea, ao mesmo tempo, se posiciona como um dos extremos da rede e apresenta publicações por quase toda ela. Junto de *Música Popular*, é uma das duas subáreas mais dispersas na visualização, mesmo que mantenham uma aglomeração específica. A dispersão observada é um reflexo da característica plural das abordagens frequentes na pesquisa em *Performance*, que abarcam um amplo espectro desde o estudo sociohistórico de determinado compositor até aspectos mecânicos ou cognitivos de intérpretes analisados, passando por análises fonográficas e metodologias de ensino e de aprendizagem de música (BORÉM; RAY, 2012, p. 145-159).

Nota-se que *Musicologia e Estética Musical* pode abarcar três grupos de publicações. O primeiro diz respeito a questões documentais, musicologia histórica e século XIX, etc. Esse grupo se apresenta pouco conectado à rede como um todo (à esquerda, em cima, na Figura 3). Mais próximo, o segundo núcleo discute questões como nação, identidade e Mario de Andrade, fazendo grande interface com pesquisas de *Etnomusicologia* e *Música Popular*. As pesquisas restantes se distribuem por absolutamente toda a rede, demonstrando que o termo “musicologia” é também tomado em sentido amplo, ou seja, abrangendo as diversas possibilidades de se pesquisar sobre música. De certa maneira, pode ser considerado um pano de fundo, de onde outras subáreas se emanciparam na ANPPOM (como nos casos de subáreas como *Etnomusicologia* e *Música Popular*).

Teoria e Análise Musical se apresenta como uma subárea com muitas conexões internas e externas simultaneamente, mesmo sendo relativamente pequena, considerando a quantidade de trabalhos apresentados (Tabela 1). É o exemplo mais claro de uma rede que consegue tanto ser consistente em si só quanto se articular com outros domínios da PMB. Suas principais interfaces na visualização emergem das interlocuções com *Composição* e *Performance*, reforçando o comentário de Moreira (2017, p. i) sobre a interação de *Teoria e Análise Musical* com “as constantes transformações decorrentes da vividez das práticas sonoras – de criação em composição e em performance”.

Etnomusicologia forma uma das menores aglomerações na visualização, em termos de subárea. Isso não é causado exatamente pelo menor tamanho da subárea (*Etnomusicologia* tem praticamente o mesmo número de textos que *Teoria e Análise Musical*, por exemplo), mas pela intensa profusão de abordagens e temáticas, típica da subárea. A

Etnomusicologia se encontra na ANPPOM, assim, em maior contato direto com *MI* (em assuntos como sociedade e saúde), *Performance* e *Música Popular*. É essencial ressaltar que, mesmo se consolidando como subárea diametralmente oposta a *Teoria e Análise Musical*, duas publicações de *Etnomusicologia* ocupam posição central na aglomeração da outra subárea. A existência e as redes dessas publicações sugerem a construção e discussão de teoria musical por vias etnográficas, uma interface plenamente possível entre os campos de pesquisa, apesar dos discursos frequentes na academia, que buscam afirmar incompatibilidades entre eles.

Música Popular se apresenta como uma exceção à formulação teórica que sustenta a divisão de subáreas na ANPPOM. Elas se caracterizam majoritariamente por suportes musicais (documentos de notação musical, documentos textuais, iconografias, situações de *performance*, situações de ensino e aprendizagem de música, gravações em áudio e/ou vídeo, etc.) e metodologias para estudá-los. É por isso que, definido pelo tipo de música que estuda, o campo da *Música Popular* se fundamenta numa lógica diferente dos demais. Assim, não surpreende que sua posição na visualização seja justamente tão distinta das outras: em vez de se posicionar como um extremo da rede, *Música Popular* se encontra como uma categoria centralizada, com amplas interfaces temáticas e metodológicas com as subáreas de *Composição*, *Performance*, *Musicologia e Estética Musical*, *Teoria e Análise Musical*, *Etnomusicologia* e *Sonologia*. Observando as publicações mais interconectadas (Figura 7), percebe-se o posicionamento de *Música Popular* na interface entre as pesquisas de *Teoria e Análise Musical* e de *Performance*.

Por fim, *Sonologia* ainda se apresenta bastante dispersa, acima de tudo, pela pequena quantidade de trabalhos publicados e, portanto, aqui analisados, mesmo tendo se emancipado como subárea no XVII Congresso da ANPPOM, realizado em São Paulo em 2007 (TOMÁS, 2015, p. 22). Estão ainda a se consolidar na PMB as três atuais possibilidades de pesquisa sonológica explicitadas por Iazzetta (2017): questões técnicas e tecnológicas, questões no âmbito das músicas experimentais, da arte sonora e da intersecção da música com outras artes e, por fim, os chamados *sound studies*, que “de modo abrangente olha[m] para questões ligadas ao som – dentro e fora da música – a partir de ferramentas das ciências humanas” (IAZZETTA, 2017).

Considerações finais

Em síntese, o método de visualização das redes reconheceu com sucesso as subáreas da ANPPOM, por meio do repertório de metodologias e assuntos que cada uma

delas utiliza, representado nas palavras-chave das publicações. Esse reconhecimento (expresso por cores na rede apresentada neste trabalho) permite, em primeiro lugar, compreender a pesquisa musicológica como um espaço fluído entre as subáreas, ao invés de compreendê-la como um conjunto de domínios murados que não se conectam. Ele também permite observar interfaces, proximidades e distâncias entre subáreas, além de fissuras de subáreas específicas. Notou-se grande possibilidade e realização de trânsitos entre subáreas, desfazendo impressões geradas por discursos que afirmam a incomensurabilidade de certos domínios da pesquisa musicológica.

Certas seções da rede conectam muitas subáreas diferentes, sugerindo que ali se constitui um núcleo de estudos que não se compatibiliza (parcial ou totalmente) com a divisão corrente do campo de pesquisa. As tradicionais divisões da PMB já não se adequam perfeitamente aos assuntos e metodologias de pesquisa, que muitas vezes se agrupam de novas maneiras. Isso se reflete na pergunta “para que subárea submeto esse texto? Ele poderia se encaixar em X, Y ou Z”, frequente entre os autores. Um exemplo de uma temática nessa situação pode ser visto nas pesquisas que envolvem o estudo da criatividade, pulverizadas em diferentes categorias: *Performance*, *Composição*, *Música e Interfaces* e *Educação Musical*. A interseção entre os temas e metodologias de pesquisa que interessam a intérpretes e os que interessam a compositores, como representado aqui, é maior do que os assuntos “exclusivos” das subáreas de *Performance* e *Composição*. Esses dois nichos, junto à *Teoria e Análise Musical*, também recebem pesquisas que tratam sobre questões estéticas, mesmo que haja uma subárea literalmente chamada *Musicologia e Estética Musical*.

Como mencionado na primeira seção deste texto, visualizações de redes oferecem questões a serem posteriormente analisadas em maior profundidade. A rede apresentada sugere que alguns temas e metodologias são segmentados entre subáreas de acordo com identidades geradas por convenções do meio acadêmico musical brasileiro. No material analisado, é possível ver o impacto de tais convenções em distinções caricaturais como as entre “intérpretes e compositores” (“quem toca e quem compõe”), “professores e músicos” (licenciatura e bacharelado), “teóricos e práticos” (“quem lê e quem faz”), etc. A conotação de domínios bem definidos, com temas e metodologias exclusivas, é contestada pela própria bibliografia apresentada pelos pesquisadores, que encontram, com suas investigações, sobreposições das atuais subáreas. Portanto, conclui-se que esta visualização das redes de pesquisa também indica que, como esperado, a teoria atual das subáreas da PMB, empregada na ANPPOM hoje, não dá conta do campo de pesquisa de fato. Por isso, pretende-se que as

considerações desta comunicação façam parte da constante renovação teórica do campo frente às suas práticas de pesquisa.

Referências

ADLER, Guido. Umfang, Methode und Ziel der Musik-wissenschaft. *Vierter-jahrsschrift für Musikwissenschaft*, 1, 1885, pp. 5-20.

BALANCIERI, Renato. *Análise de Redes de Pesquisa em uma Plataforma de Gestão em Ciência e Tecnologia: Uma Aplicação à Plataforma Lattes*. Florianópolis, 2004. 117 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87468/224645.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

BASTOS, Marco. T.; ZAGO, Gabriela; RECUERO, Raquel. A endogamia da Comunicação: redes de colaboração na CSAI. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, 23(2), 21459, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/21459/14170>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

BORÉM, Fausto; RAY, Sonia. Pesquisa em performance musical no Brasil no século XXI: problemas, tendências e alternativas. In: SIMPOM – SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA: O contexto brasileiro e a pesquisa em música, II, 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: 2012. p. 121-168.

BORGES, Renato Pereira Torres. Visualização em rede da pesquisa brasileira em música, através das palavras-chave. *Anais do IV SIMPOM*. Rio de Janeiro, 2016.

_____. Jamais fomos disciplinares: considerações sobre duas visões sobre a interdisciplinaridade onipresente na pesquisa em música no Brasil. CERQUEIRA, D. L.; FORTES, R. M.; SARAIVA, J. M. (org.). *XXIII Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO: Caderno de resumos*. Rio de Janeiro, 2017.

CONNER, Norma; PROVEDEL, Attilio; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Ciência & Saúde Coletiva: análise da produção científica e redes colaborativas de pesquisa. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 987-996, Mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002300987&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 dez. 2017.

IAZZETTA, Fernando Henrique de Oliveira. [ANPPOM-Lista] sobre a Sonologia [e-mail enviado para a lista de emails da ANPPOM]. Disponível em: <<https://www.listas.unicamp.br/pipermail/anppom-l/2017-March/011197.html>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

MOREIRA, Adriana Lopes. Análise musical e teoria aplicada: confluências e continuidades. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE TEORIA E ANÁLISE MUSICAL, 4º, 2017, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2017, p. i-ii. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/etam/iv encontro/EITAM4.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

TOMÁS, Lia. *A pesquisa acadêmica na área de música: um estado da arte (1988-2013)*. Série Pesquisa em Música no Brasil, v. 4. Porto Alegre: ANPPOM, 2015.

ULHÔA, Martha Tupinambá de (org.). *Anais do III SIMPOM*. Rio de Janeiro, 2014.

XXIII CONGRESSO DA ANPPOM, 2013, Natal. *Caderno de Resumos e Anais*. Natal: ANPPOM, 2013. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/23anppom/Natal2013/schedConf/presentations>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

XXIV CONGRESSO DA ANPPOM, 2014, São Paulo. *Caderno de Resumos e Anais*. São Paulo: ANPPOM, 2014. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/schedConf/presentations>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

XXV CONGRESSO DA ANPPOM, 2015, Vitória. *Caderno de Resumos e Anais*. São Paulo: ANPPOM, 2015. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/25anppom/Vitoria2015/schedConf/presentations>>. Acesso em: 10 dez. 2017.